

**PADRÃO DE COMÉRCIO E COMPETITIVIDADE NO BRASIL: UMA
ANÁLISE DAS EXPORTAÇÕES DE LARANJA E SEU SUCO CONCENTRADO NO
PERÍODO DE 1997-2013**

Patricia Batistella

Universidade Federal de Santa Maria
E-mail: patriciabatistella@rocketmail.com

Elen Presotto

Universidade Federal de Santa Maria
E-mail: elenpresotto@yahoo.com.br

Felipe Orsolin Teixeira

Universidade Federal de Santa Maria
E-mail: felipeorsolin@bol.com.br

Paulo Ricardo Feistel

Universidade Federal de Santa Maria
E-mail: prfeistel@yahoo.com.br

Área Temática: Economia e política internacional.

RESUMO: O Brasil, atualmente possui destaque internacional por ser maior produtor e exportador de café, açúcar, etanol e suco de laranja. O segmento de suco de laranja, especificamente, vem chamando a atenção devido ao seu potencial competitivo e volume de exportações, o que o torna um dos principais destaques do agronegócio nacional. Assim, o estudo tem por objetivo identificar se a laranja e seu suco concentrado possuem vantagem comparativa perante o mercado internacional. Dessa forma, sabendo da representatividade do setor, se faz importante a análise de alguns indicadores que possam mensurar a sua posição perante o mercado mundial. Para tanto, diversos índices foram utilizados no período de 1997 a 2013 para a mensuração da especialização internacional da economia. Sendo eles, Índices de Vantagens Comparativas Reveladas e Simétrica (IVCR e IVCRS); Indicador de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC) e Índice de Comércio Intra-setorial. Os dados para realização do trabalho foram coletados junto ao banco de dados da FAOSTAT. Os principais resultados do estudo apontam que a laranja possui índices de vantagens comparativas inferiores em relação ao suco concentrado. As exportações da fruta nos índices IVCR e IVCRS apresentaram vantagens em apenas quatro anos, nos demais sempre apontaram para desvantagem comparativa. Os índices de comércio intra-setor encontrados foram baixos para todos os anos do período analisado, e demonstram pouca tendência de aumento, apenas nos dois últimos anos do período. Dessa forma, é possível caracterizar o comércio entre o Brasil e o resto do mundo para com as exportações de laranja e seu suco como sendo intersetorial ou do tipo Heckscher-Ohlin, ou seja, o país tende a exportar bens que utilizam mais intensivamente os recursos relativamente mais abundantes.

Palavras-chave: Exportações; suco concentrado de laranja; competitividade; vantagem Comparativa

1. Introdução

Atualmente o Brasil vem sendo destaque na produção de alimentos, tornou-se líder nas exportações de diversos produtos agrícolas, é o maior produtor e exportador mundial de café, açúcar, etanol e suco de laranja. A citricultura, tem grande representatividade no agronegócio brasileiro e é considerada uma das principais cadeias produtivas do país. Além disso, o setor é reconhecido pela sua liderança mundial.

Na década de 1920 criou-se o primeiro núcleo citrícola, no Estado do Rio de Janeiro. O qual, era responsável pelo fornecimento de laranja para as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, foi precursor nas exportações da fruta para a Argentina, Inglaterra e alguns países da Europa. Após essa fase a cultura enfrentou diversos problemas, como a retração na área plantada em decorrência de fortes geadas em 1918 e a crise financeira mundial. Mas, nesta mesma década, ganhou seu espaço nas fronteiras ao norte e noroeste do estado de São Paulo (NEVES et al. 2010).

Conforme destaca Piatto (2014), o processo de modernização do setor citrícola brasileiro, teve início nos anos de 1960, em decorrência de uma grande geada no estado da Flórida (EUA), o qual até então era o maior produtor da fruta. Os altos investimentos aliados a avanços tecnológicos, permitiram que o setor se equiparasse e até mesmo superasse os países mais desenvolvidos que já atuavam há décadas no ramo.

A citricultura brasileira tem em sua história períodos de desenvolvimento acelerado como também períodos de retração. Isso tudo, em boa parte devido ao seu principal mercado consumidor principalmente do suco de laranja concentrado (FCOJ)¹, ser liderado pelo mercado externo e também pela oferta da laranja estar diretamente ligada a fatores climáticos.

O segmento de sucos em geral, e o de suco de laranja em específico chama atenção por seu potencial. Com as rápidas alterações demográficas que levaram ao aumento e urbanização da população, o mercado para néctares e refrescos à base de sucos se ampliou, com destaque para o sabor de laranja, com aproximadamente 39% do *Market Share* dos produtos do gênero (AIJN, 2014). A União Europeia, se constitui como o maior importador de suco concentrado de laranja, enquanto o Brasil, Bélgica, Países Baixos e Estados Unidos como maiores exportadores (FAO, 2016).

Contudo, o cenário global é caracterizado pela alta concorrência e em médio e longo prazo os níveis de competitividade dos países podem ser alterados. Diante disto, o problema de pesquisa do presente estudo é: os níveis de competitividade do Brasil e sua indústria citrícola

¹ FCOJ (Frozen Concentrate Orange Juice) suco de laranja concentrado congelado.

são suficientemente capazes de continuar promovendo a expansão do setor e de sua participação de mercado em nível internacional?

Com vistas a atender os objetivos propostos optou-se por calcular os seguintes indicadores de comércio internacional: (i) índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR); (ii) índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (IVCRS); (iii) Indicador de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC); e (iv) Índice de Comércio Intra-setorial.

O trabalho está dividido em cinco seções. A primeira consiste nesta introdução, na segunda seção, contém o referencial teórico trazendo uma abordagem das principais teorias sobre vantagens comparativas e competitividade. A terceira seção compreende a metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos. A quarta seção é composta pelos resultados e discussão. Por fim, a quinta seção irá conter as principais conclusões.

2. Competitividade

Com o passar dos anos, o processo de globalização e as trocas entre os países se intensificaram e passaram a expor, paulatinamente, as indústrias domésticas à concorrência internacional. Manter-se competitivo neste mercado globalizado não é uma tarefa fácil, uma vez que qualidade do produto e preços diferenciados não são suficientes.

A inserção de organizações no mercado internacional faz com que novos produtos e serviços sejam desenvolvidos, trazendo consigo ganhos de escala, novas tecnologias e melhorias no processo de produção. Mas, para que tais ganhos aconteçam é necessário que as empresas caminhem para um melhor nível de excelência. Assim, surge a análise e a importância de alguns indicadores que possam mensurar a competitividade.

Os assuntos que norteiam o tema da vantagem comparativa, desempenho das nações e dos agentes econômicos perante o mercado internacional foram preconizados pelos autores clássicos Adam Smith e David Ricardo. Ambos com os estudos relacionados à teoria das vantagens comparativas e absolutas deixaram suas contribuições para a análise, que mais tarde passou a ser tratada como competitividade (LOVE e LATIMORE, 2009).

A teoria neoclássica também deixou suas contribuições para o estudo do comércio internacional, um conjunto composto por quatro Teoremas que formam o núcleo da teoria pura do comércio internacional, denominado por muitos autores como Teoria de Heckscher-Ohlin-Samuelson. As ideias dos economistas Eli Heckscher e Bertil Ohlin sobre os efeitos do comércio exterior sobre a distribuição de renda, proporcionaram o surgimento do Teorema de Heckscher-Ohlin (CORONEL, 2008). A ideia básica deste modelo supõe que o comércio de

cada nação deverá exportar a *commodity* farta em seu fator de produção abundante e importar a *commodity* que depende de uma maior utilização de seu fator insuficiente, e com maiores custos de produção.

Posteriormente surgem mais dois teoremas conhecidos como Heckscher-Ohlin-Samuelson e Teorema de Stolper-Samuelson. O primeiro, conhecido também como teorema da equalização dos preços dos fatores, preconiza que será suficiente o livre comércio de bens finais para a equalização dos preços dos fatores internacionalmente. O segundo, relata que dado um aumento no preço relativo de uma mercadoria ocorrerá o crescimento do retorno real no fator usado intensivamente na sua produção e em contrapartida reduzirá o retorno da outra mercadoria (CORONEL, 2014).

Todas estas contribuições são importantes e estão situadas num contexto analítico macroeconômico. Além da abordagem mais geral, passam a ser incorporados demais níveis neste campo de estudo, microeconômico e de organização industrial, quando alguns pensadores contemporâneos, como Hagnauer (1989), Kupfer (1992), Coutinho e Ferraz (1993), Porter (1990), tentam entender o desempenho competitivo não apenas das empresas, mas incorporam outros níveis. Neste contexto, tais autores trouxeram importantes considerações sobre o êxito competitivo dos países, a noção de competitividade, a forma como as organizações podem obter ganhos nos mercados internacionais, entre outros aspectos.

Diversas foram as transformações que ocorreram no mundo nos últimos anos, sejam estas tecnológicas, financeiras, nos modelos de produção e organizações das empresas, as quais acabaram por modificar o ambiente competitivo. Conforme destaca Mattos (2003), a elevada concorrência nos mercados em níveis nacionais e internacionais tem gerado mudanças significativas no modo de operar e gerir das empresas, as quais têm buscado estratégias cada vez mais competitivas para conseguirem obter vantagens frente ao mercado.

Coutinho e Ferraz (1993) destacam que os conceitos econômicos tradicionais sobre competitividade, já estão ultrapassados. Os custos, preços e condições salariais, já não são fundamentais para um país tornar-se competitivo, como era previsto nos conceitos mais clássicos.

Para Hagnauer (1989), a competitividade deriva de dois arcabouços, o primeiro da fatia de mercado internacional que determinado país possui e o outro a partir da própria firma, sendo a capacidade de transformar insumos em produtos. Desta forma, observa-se uma divisão entre o ex-ante e o ex-post da indústria.

Kupfer (1992) define competitividade como sendo atrelada a uma direção extrínseca a firma ou ao produto. O padrão de concorrência é uma variável determinante e a competitividade

é a variável determinada. Portanto, a competitividade são processos complexos de noções de concorrência e padrões de concorrência, buscando incorporar a inovação tecnológica no processo.

Segundo Haguenauer (1989), a competitividade consiste no desempenho no comércio internacional. Para a autora, fatores qualitativos como inovação tecnológica, produtividade e especialização no produto variam pouco no tempo. Assim sendo, políticas econômicas e conjunturais afetam diretamente o desempenho das exportações.

As novas discussões sobre competitividade foram tomando novas formas, novas concepções e abordagens, as quais buscaram explicar e argumentar sobre as limitações dos conceitos clássicos. Santana (2002) buscou em seus estudos, enfatizar o importante processo de transição dos estudos sobre competitividade, onde revisa vários conceitos. Para o autor alguns dos principais elementos que determinam o ambiente competitivo são: a estrutura e concentração de mercado, em função do número de concorrentes, a diferenciação e elasticidade dos produtos, e as condições para entradas de novos concorrentes.

Outro modelo que buscou atribuir características dinâmicas na análise de competitividade, foi o modelo Estrutura, Conduta e Desempenho (ECD), proposto inicialmente por Mason em 1939 e depois por Bain em 1950 e 1960. Mas, a partir dos anos 80, quando surgiram as propostas de Porter sobre competitividade industrial, houve a interação com o modelo da ECD e juntos abordaram os custos de transação, a integração vertical, os modelos de governança e a diversificação de produtos (SANTANA, 2002).

Farina (1999) em sua análise sobre a competitividade dos sistemas agroindustriais, buscou apoio na Teoria da Organização Industrial e da Nova Economia Institucional (NEI), representada pela Teoria dos Custos de Transação. A Nova Economia Institucional, foi enriquecida com as abordagens sobre o ambiente institucional e das variáveis transacionais, que determinam a organização das empresas e dos mercados, agrupando também, as interações do ambiente institucional no desempenho e comportamento das organizações. A autora salienta que enquanto a teoria econômica tradicional busca determinar a alocação ótima dos recursos, a NEI procura habituar-se a melhor forma da disposição das transações econômicas.

Nesta mesma perceptiva, Coutinho e Ferraz (1993) buscam definir uma breve noção de competitividade.

Competitividade para uma nação é o grau pelo qual ela pode, sob condições livres e justas de mercado, produzir bens e serviços que se submetam satisfatoriamente ao teste dos mercados internacionais enquanto, simultaneamente, mantenham e expandam a renda real de seus cidadãos. Competitividade é a base para o nível de vida de uma nação. É também fundamental à expansão das oportunidades de emprego e para a capacidade de uma nação cumprir suas obrigações internacionais. (COUTINHO; FERRAZ, 1993, p. 17).

De fato, a competitividade nacional é tida como uma das principais preocupações do governo e das indústrias de todos os países. Porter (2009) destaca que não existe ainda uma definição consagrada para a competitividade de um país. Segundo o autor, são várias as percepções e argumentos para buscar defini-la, mas nenhuma é suficientemente satisfatória.

Farina, Saes e Azevedo (1997) em análise sobre a competitividade do sistema agroindustrial de alimentos e fibras, relatam que o ambiente institucional, tecnológico e organizacional definem o ambiente competitivo. O primeiro, pois considera o conjunto de relações que estabelece as regras. O segundo, porque oferece a base técnica das atividades econômicas e o terceiro porque agrega as organizações de apoio aos negócios.

O enfoque sobre competitividade proposto por Mattos (2003), destaca que a competitividade passou a ter maior importância para países industrializados no início dos anos 80 e no Brasil ao final da mesma década. As novas visões sobre o tema surgiram principalmente das reformas estruturais, como a abertura comercial, a desregulamentação de alguns setores que permaneciam sob o comando governamental e as políticas de grau macroeconômico.

Na concepção de Porter (1990), os conceitos sobre competitividade moderna, devem levar em conta que a concorrência é global, com diversas e diferentes estratégias, as quais não envolvem apenas o comércio internacional, mas também a busca por investimentos externos.

Os diversos conflitos sobre a melhor definição de competitividade começaram a tomar forma a partir dos anos 80, embora que uma definição precisa sobre o tema ainda não foi findada. Contudo, uma nova teoria surge com o intuito de contemplar as inter-relações entre a abordagem estrutura, conduta e desempenho (ECD), os estudos das vantagens competitivas de Porter, a competitividade sistêmica apresentada pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 1992) e a abordagem de custos de transação e da coordenação de negócios de Williamson em 1985 (SANTANA, 2002).

Assim, a abordagem emergente vem ganhando espaço neste segmento analítico da competitividade sistêmica, resultante dos estudos desenvolvidos pela OCDE (1992) e trabalhados por Esser et al. (2013), Coutinho e Ferraz (1993) e Santana (2002), em um esforço para superar as limitações das abordagens tradicionais.

De fato, conforme destacam Coutinho e Ferraz (1993), a competitividade sistêmica mostra que a performance empresarial depende, e é também resultado de fatores localizados fora do domínio das empresas, como a ordenação macroeconômica, infraestrutura, sistema político institucional e as características socioeconômicas de cada mercado. Estes

determinantes são reservados a cada conjuntura nacional, e necessitam ser respeitados nas ações públicas ou privadas que visam a competitividade.

Nesta perspectiva, o enfoque sobre competitividade sistêmica proposto por Santana (2002), destaca que este novo modelo é resultado da interação de diversos conjuntos de fatores, os quais levam em conta pontos altos da abordagem tradicional e moderna do tema. Percebe-se, portanto, que estes fatores, não estão apenas voltados para gerar vantagem competitiva dinâmica, mas também uma competitividade sustentável.

O mastro central do conceito sobre competitividade, para Santana (2002), está no paradigma da ECD, o qual contempla os principais elementos que determinam o desempenho das empresas.

Com essa mesma perspectiva, Coutinho e Ferraz (1993) destacam os estudos da OCDE, os quais mostram que as estratégias empresariais, com e sem sucesso, seguiram padrões específicos de acordo com cada país. Estes estudos sugerem, que as características do sistema econômico afetam os fatores de competitividade e, do mesmo modo influenciam o desempenho das empresas.

Portanto, como é possível observar, as leituras sobre as vantagens comparativas e os níveis de competitividade de países e organizações industriais permite elencar um conjunto de atributos os quais vão muito além do ambiente interno de uma empresa e agregam elementos de sociologia econômica, de organização industrial, de políticas públicas, de políticas macroeconômicas, de padrões de governança e de gestão das cadeias produtivas.

2.3 Mercado citrícola brasileiro

Nas últimas décadas, o espaço ocupado pelos produtos derivados do agronegócio brasileiro aumentou significativamente. Com isso, o país tornou-se um dos líderes mundiais na produção e exportação de vários produtos agropecuários e passou a ocupar o posto de primeiro produtor e exportador de café, açúcar, etanol e suco de laranja (MAPA, 2015).

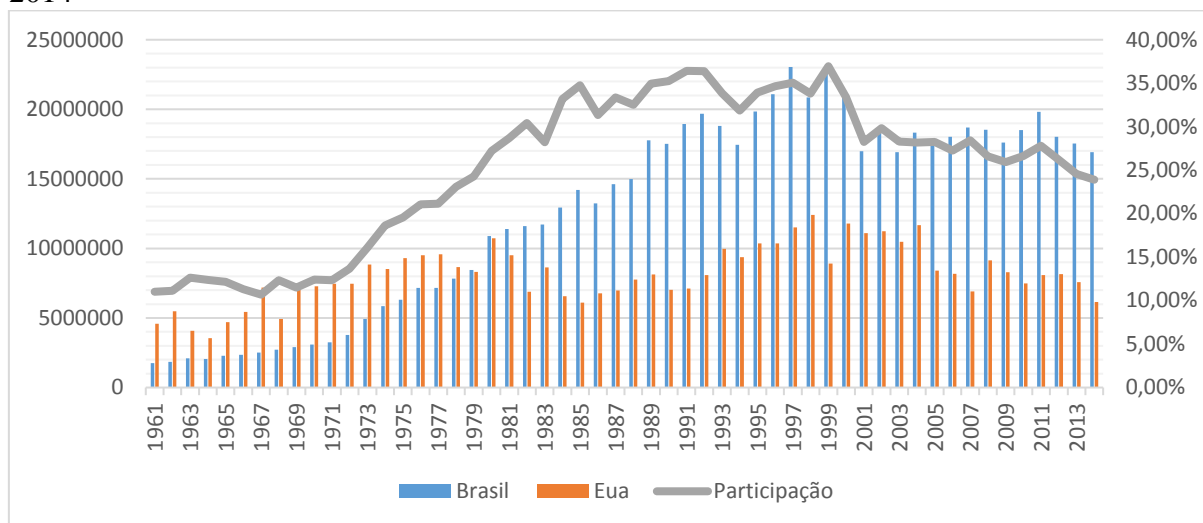
Neste contexto, o *Market Share* das exportações agropecuárias brasileiras em relação às exportações mundiais evoluiu de 4,6%, para 7,6% no período 2002 - 2012, enquanto que as exportações totais evoluíram de 1,2% para 1,6% neste mesmo espaço de tempo (BRASIL, 2015).

Neste cenário, as exportações brasileiras de produtos agropecuários cresceram 379% e chegaram a US\$ 83,414 bilhões em 2012, com destaque para os produtos do complexo soja

(31% do total), carnes (19%), complexo sucroalcooleiro (18%), cereais, farinhas e preparações (8%), café (8%), fumo e seus produtos (4%) e sucos (3%) (MAPA, 2015).

O Brasil passou a ser o maior produtor de laranja a partir dos anos 80, antes disso, tal posto era ocupado pelos Estados Unidos. A Figura 1, demonstra este crescimento da produção de laranja no Brasil em relação a produção dos EUA nos anos de 1961 a 2014.

Figura 1 - Produção em toneladas de laranja no Brasil e EUA e participação brasileira: 1961-2014



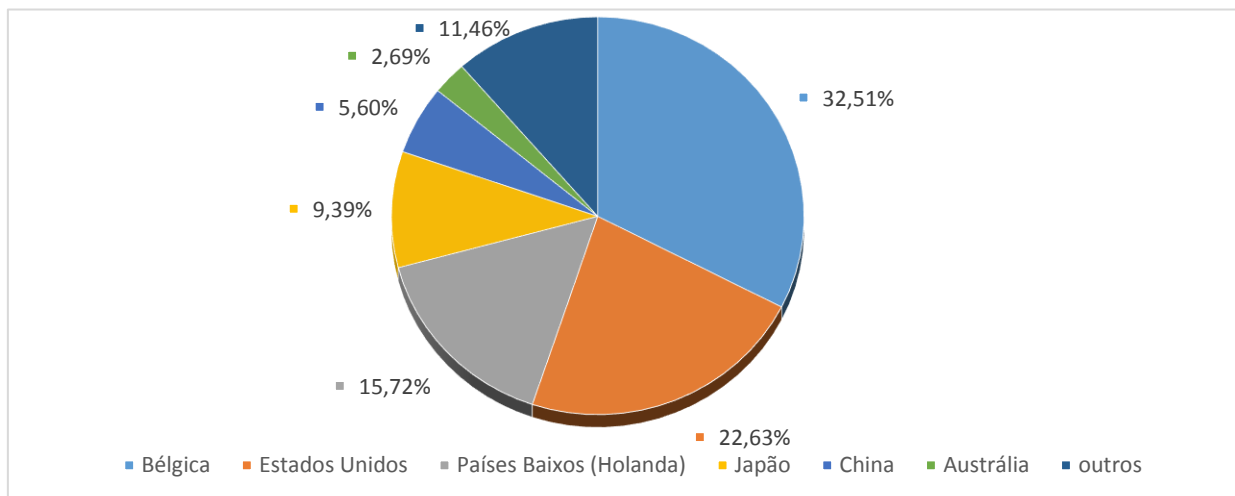
Fonte: elaborado pelos autores, FAO (2016).

No ano de 1963 foi instalada a primeira fábrica de suco concentrado congelado de laranja, na cidade de Araraquara, São Paulo, conhecida como SUCONASA. Os administradores da empresa encontraram uma citricultura em estágio avançado onde a produção era destinada ao comércio de frutas *in natura* para o mercado interno e para exportação (AMARO, 1997).

O cultivo da laranja no Brasil pode ser separado em dois momentos principais. O primeiro, de 1990 a 1999, caracterizado pelo aumento da produção e conquista da posição de líder do setor. O segundo, a partir do ano 2000, onde o avanço das novas tecnologias e o desenvolvimento de ferramentas para gestão, impulsionaram uma alteração nos pomares, foi o período em que deu-se a concretização da capacidade e desempenho produtivo do setor (MAPA, 2015).

Atualmente, o principal destino das exportações brasileiras, neste segmento, é a União Europeia, a maior importadora mundial do produto, conforme Figura 2.

Figura 2- Principias países importadores do suco concentrado de laranja brasileiro, em mil U\$\$: 2015



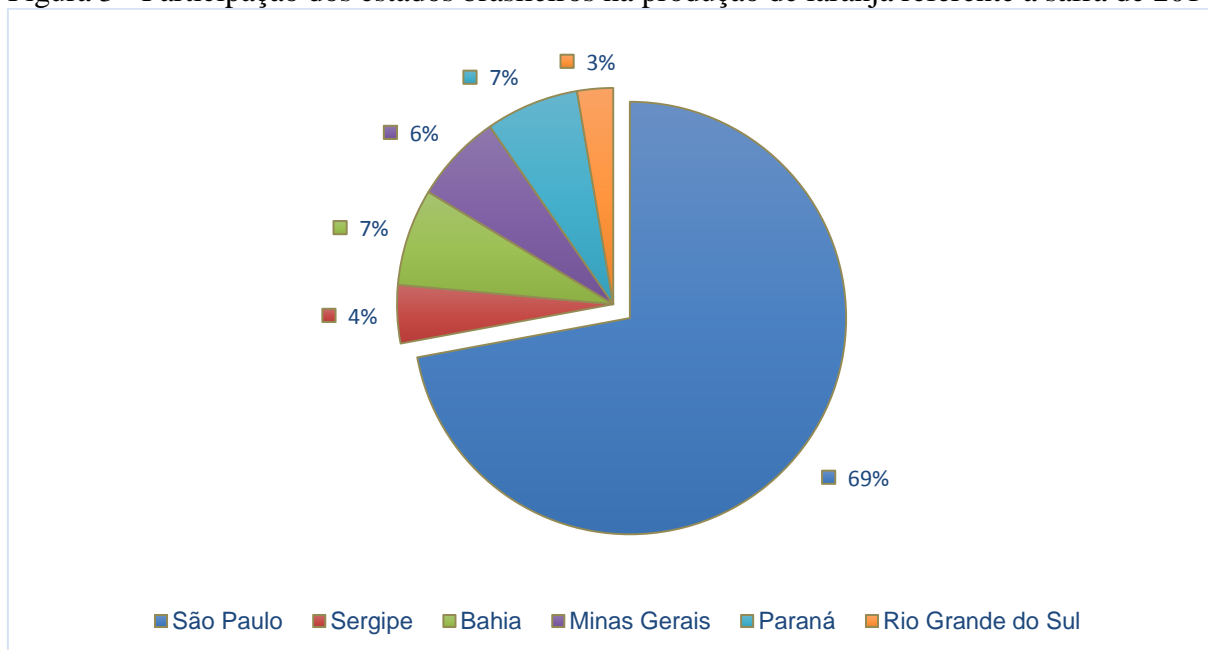
Fonte: elaborado pelos autores, dados ALICEWEB (2016).

Segundo dados da AliceWeb (2016) a Bélgica, Estados Unidos, Países Baixos (Holanda) correspondem por 70% das importações do suco brasileiro. A Holanda, se destaca também por reimportar o produto brasileiro para os demais países da Europa.

Conforme destaca Sereia, Câmara e Gil (2004), os maiores importadores do suco concentrado brasileiro são também os maiores exportadores de suco simples, ou pronto para beber. Este fato, evidência a prática de reexportação por parte destes países. Apesar das empresas brasileiras conhecerem os meios de comercialização internacional, ainda assim, pertence aos produtores e processadores brasileiros apenas menos de 30% da agregação de valor ao produto. Sendo que a maior parte da agregação de valor, se dá no empacotamento e distribuição correspondendo a 60%.

A citricultura está presente em todos estados do Brasil, mas concentra-se principalmente em São Paulo, responsável por 72% da produção nacional. Os estados Bahia, Minas Gerais, Paraná representam 7%, Sergipe e Rio Grande do Sul também são importantes produtores, mas com participação de mercado inferior a 5%.

Figura 3 - Participação dos estados brasileiros na produção de laranja referente a safra de 2014



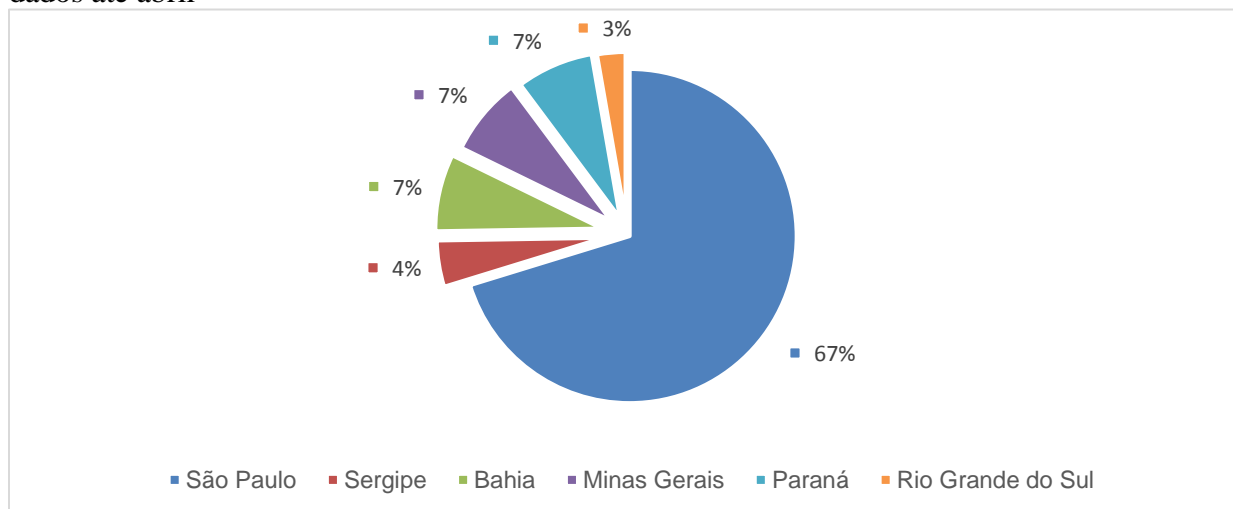
Fonte: elaborado pelos autores, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Cerca de 20% da laranja produzida no Estado de São Paulo é vendida para consumo *in natura* e, 80% é destinado para industrialização. O estado da Flórida e São Paulo são responsáveis por 81% da produção mundial de suco, esta elevada concentração nesses dois estados é uma peculiaridade do setor. A laranja é a fruta mais plantada no Brasil, com mais de 800 mil hectares. Seus pomares ocupam uma área 20 vezes maior do que os pomares de maçã, 10 vezes superior aos de manga, e quase o dobro das terras destinadas ao cultivo de banana (NEVES et al. 2010).

Várias são as razões que fazem do estado de São Paulo o maior produtor de citros do país, dentre elas vale destacar: topografia, grande disponibilidade e qualificação da mão de obra, infraestrutura, solo adequado e disponibilidade de insumos (CITRUSBR, 2014).

Atualmente, a produção de laranja vem sofrendo quedas em nível nacional, tal redução não está somente na produção, mas também na área plantada e colhida, como é possível evidenciar na Figura 4. Houve queda de 6 % em relação à safra do ano de 2014.

Figura 4 - Participação dos estados brasileiros na produção de laranja referente a safra de 2015, dados até abril



Fonte: elaborado pelos autores, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ao analisar a Figura 4, é possível perceber que a produção teve uma redução no Estado de São Paulo, principal produtor da fruta. Várias causas são apontadas para essa queda, dentre elas; o longo período de estiagem principalmente na região Sudeste, os elevados danos aos pomares, devido a doenças como o *Greening*² e os preços abaixo do preço mínimo praticado (FUNDECITRUS, 2015).

Uma pesquisa realizada pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) em 2013, revelou que no último ano, o setor citrícola paulista passou por uma de suas maiores crises. Influenciada principalmente pela redução do consumo de suco no mercado externo, o que ocasionou a acumulação de elevados estoques da fruta, e também pelo aumento de custo de produção devido ao avanço de problemas fitopatológicos.

Por sua vez, Bonjuor et al. (2009) trazem uma análise da produtividade dentro de uma visão sistêmica, onde a iniciativa privada e pública devem atuar em parceria. Para estes autores a produtividade por hectare da produção citrícola brasileira é ainda muito baixa, quando comparada à norte americana. Enquanto nos EUA colhe-se de 3 a 4 caixas de 40,8 Kg, por planta, no Brasil a média dos pomares fica em torno de 1,5 a 2 caixas de 40,8 Kg.

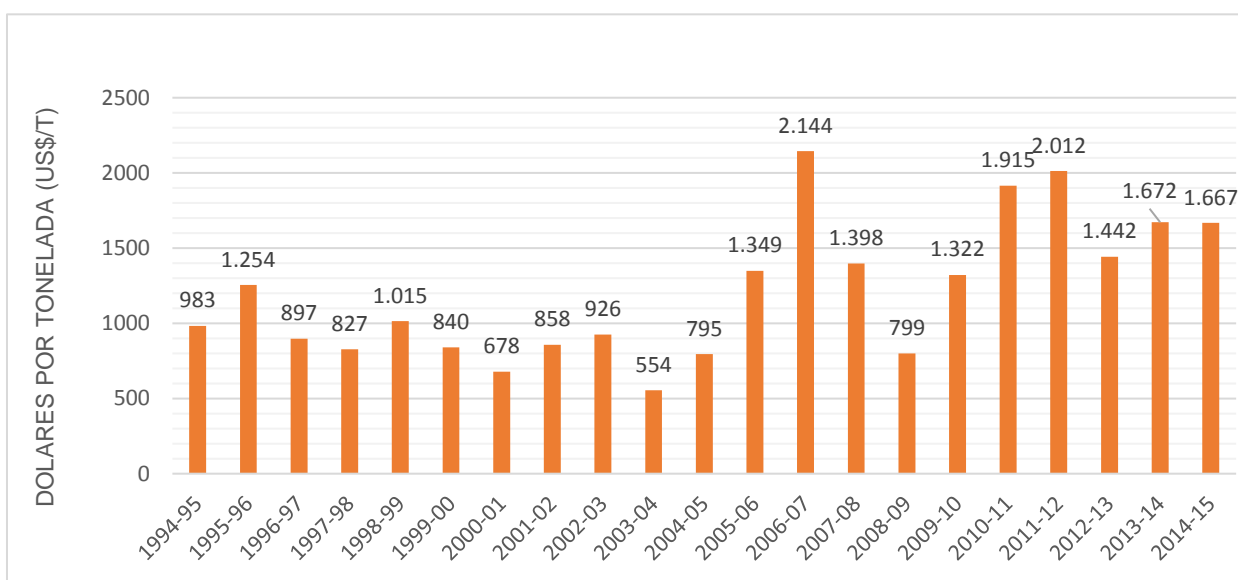
Em termos gerais, pode-se afirmar que o posto de maior exportador de suco de laranja pertence ao Brasil há vários anos. Em especial, no período 1997 – 2001, as exportações brasileiras cresceram 136% e chegaram ao patamar de US\$ 2,376 bilhões, enquanto que o crescimento global foi de 154% e alcançou US\$ 6,537 bilhões.

² O Greening (Huanglongbing/HLB) é transmitido pelo psilídeo, um pequeno mosquito invisível a olho nu, presente em todo Brasil. Essa doença é considerada a mais grave já registrada em pomares de laranja (Fundecitrus, 2014).

A desvalorização na taxa de câmbio real, torna os produtos brasileiros mais competitivos ante o mercado internacional, enquanto uma apreciação provoca perda de competitividade. No caso do setor citrícola brasileiro, em períodos de apreciação da taxa real de câmbio, conservou-se firme nas exportações de seus produtos, em função da sua importância como fornecedor mundial (NEVES et al. 2011).

Outro fator que influencia diretamente nas exportações é o preço do produto. Assim, acompanhar as oscilações de preços da Bolsa de Nova York, torna-se um elemento eficaz para quem opera na cadeia citrícola. A Figura 5, traz o preço médio das cotações do suco de laranja FCOJ 66 ° Brix³, livre de imposto de importação norte americano.

Figura 5- Dólares por tonelada (US\$/t), de FCOJ 66° Brix (Livre de Imposto de Importação Americano) na Bolsa de Nova York, safras 1994-95 - 2014-15



Fonte: elaborado pelos autores, dados CitrusBr (2015).

Na Figura 5, tem-se o preço em dólares por tonelada de suco de laranja concentrado desde a safra 1994-95 até dezembro de 2014-15. Com isso, é possível perceber que o preço vem sofrendo constantes oscilações. Teve sua maior elevação na safra 2006-07, impulsionado pela quebra de safra dos EUA, devido as grandes geadas que ocorreram na Flórida. Já no ano de 2008-09 teve uma queda acentuada, não chegando a metade do preço do ano anterior.

O suco de laranja é um produto com alta volatilidade de produção e preços, enquanto sua demanda é praticamente constante. Estas mudanças de preços na bolsa de Nova York e nos mercados da Europa, causam elevadas movimentações nos preços da fruta. Alterações de

³ 66 Brix é uma escala utilizada principalmente na indústria de alimentos para medir a quantidade de açúcares em sucos de fruta. No caso do suco de laranja um produto que entrou com níveis de açúcares (sólidos solúveis) totais de 10 a 11 Brix termina com um teor de 66 ou 65 Brix, padrão do FCOJ (Neves et al. 2010).

produção podem chegar a 40%, dependendo das condições climáticas. Já no caso da demanda as oscilações são muito menores (CITRUSBR, 2015).

Outro fator que colabora para essa acentuada oscilação do preço do suco de laranja concentrado, é o fato da produção mundial estar altamente concentrada nos estados de São Paulo e Flórida (EUA), pois a quantidade de suco produzida dependerá diretamente da produtividade dos pomares localizados nestes estados.

3. Metodologia

O conjunto de indicadores utilizados para mensurar o grau de especialização no comércio internacional é amplo, tais índices são embasados principalmente nos fluxos comerciais entre as nações. Dessa forma, com a finalidade de alcançar os objetivos propostos pelo presente trabalho, optou-se por calcular os seguintes indicadores de comércio internacional para as exportações brasileiras de laranja e de seu suco concentrado: (i) índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR); (ii) índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS); (iii) Indicador de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC); e (iv) Índice de Comércio Intra-setorial.

Os dados para realização do trabalho foram coletados junto ao banco de dados da FAOSTAT (Food and Agriculture Data), os índices apresentados acima serão calculados do período de 1997 a 2013.

3.1 Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR)

Para Porter (2009) a competitividade de um país está diretamente ligada a capacidade de suas indústrias em inovar e melhorar. A vantagem competitiva é determinada e amparada por um processo altamente centrado. As várias diferenças entre as nações (cultura, estruturas econômicas, as instituições e a história) são fatores que contribuem para o êxito competitivo.

Um dos indicadores mais utilizados para mensurar a competitividade de setores em ambiente internacional é o Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR). O IVCR foi inicialmente formulado por Balassa em 1965 e em seguida modificado por Vollrath 1991 (THOME; FERREIRA, 2014).

Hidalgo e Mata (2004), apontam que o índice (IVCR) busca determinar que o comércio entre os países e é responsável por “revelar” as vantagens comparativas, o qual efetiva a ponderação dos resultados após verificado o comércio entre as regiões.

O índice denota a relação entre o coeficiente de participação do produto i exportado no fluxo total das exportações do país em questão em função do fluxo das exportações do mesmo produto i no mundo em relação a todas as exportações do mundo, no mesmo período, matematicamente expresso como (CORONEL, 2008).

$$IVCR_{ij} = \frac{X_{ij}/X_i}{X_{wj}/X_w} \quad (1)$$

Onde:

X_{ij} = valor das exportações brasileiras de laranja e suco concentrado de laranja (em mil/ US \$),

X_i = valor total das exportações brasileiras (em mil/ US\$);

X_{wj} = valor das exportações mundiais de laranja e suco concentrado de laranja, (em mil/US\$);

X_w = valor das exportações mundiais totais (em mil/US\$);

i = exportações brasileiras;

w = exportações mundiais;

j = produto (laranja e suco concentrado de laranja).

A função do índice de vantagem comparativa revelada é encontrar um indicador que mensure a estrutura relativa das exportações de forma a evidenciar se o país ou região, possui vantagem comparativa no determinado segmento ou produto. Assim, se o índice originado por essa razão matemática resultar em: $IVCR > 1$, o país apresenta vantagens comparativas reveladas nas exportações do determinado produto. Caso $IVCR < 1$, o país apresenta desvantagens comparativas reveladas nas exportações do produto em análise.

Conforme apontam Hidalgo e Mata (2004), é necessário destacar que para seu arranjo IVRC não contabiliza as importações, isso se dá pela existência de restrições às importações via políticas protecionistas. Ademais, também ressaltam os autores que a principal crítica feita a tal índice se deve principalmente pelo mesmo não possibilitar a avaliação se os padrões de comércio são ótimos ou não.

3.2 Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (IVCRS)

O índice apresentado na seção anterior é apontado muitas vezes por apresentar uma certa restrição, onde a desvantagem e a vantagem comparativa assumem dimensão assimétrica. Sendo que a primeira varia no intervalo de 0 e 1 e a segunda entre 1 e infinito. Sabendo de tal

limitação, Laursen (1998) desenvolveu um novo índice, aprimorando o anterior (HIDALGO, MATA, 2014). O novo índice passa então a assumir a seguinte forma:

$$VCRS_{ij} = \frac{(VCR_{ij} - 1)}{(VCR_{ij} + 1)} \quad (2)$$

Este índice $VCRS_{ij}$ assume valores entre -1 a 1, dessa maneira se o valor encontrar-se entre 1 e 0, então a região/país j irá possuir vantagem comparativa revelada no produto i . Entretanto, caso os valores se situem entre -1 e 0, a região/país apresentará desvantagem comparativa revelada no produto em análise.

3.3 Indicador de Contribuição ao Saldo Comercial

Além dos índices já apresentados, outro indicador a ser calculado no presente estudo diz respeito ao Indicador de Contribuição ao Saldo Comercial. O mesmo também corresponde ao índice de vantagem comparativa, que diferentemente dos já propostos passa a levar em consideração as importações. Este indicador foi desenvolvido por Lafay (1990) conforme especificado na equação abaixo:

$$ICSC_{ij} = \frac{100}{\frac{X+M}{2}} \left[X_i - M_i - \frac{(X-M)((X_I+M_I))}{(X+M)} \right] \quad (3)$$

Em que;

X_i : exportações do bem i (neste caso i , representa a laranja e seu suco concentrado);

M_i : importações do bem i ;

$X; M$: exportações e importações, respectivamente, totais do país/região;

$X_i - M_i$: representa a balança comercial do bem i ;

$\frac{(X-M)((X_I+M_I))}{(X+M)}$: representa a balança comercial teórica do bem i .

Conforme destacado por Feistel, Hidalgo e Casagrande (2014), o ICSC tem por embasamento a relação entre o saldo comercial observado para cada produto e o saldo comercial teórico para cada produto. Sendo possível então, verificar a existência ou não de vantagens comparativas reveladas por meio da diferença entre o saldo comercial observado e o teórico.

Desta forma, quando o $ICSC_{ij}$ apresentar valor maior que zero, o produto i apresentará vantagem comparativa revelada. Caso o $ICSC_{ij}$ seja menor que zero, o produto i possuirá uma desvantagem comparativa revelada.

Xavier (2001) destaca que o cálculo deste índice se faz importante pela sua capacidade de demonstrar se um setor é relativamente superavitário ou deficitário, além disso, o mesmo não sobre

alterações por modificações nos indicadores macroeconômicos, contribuindo assim para uma análise intertemporal dos diferentes padrões de especialização.

3.4 Indicador de Comércio Intra-setorial

O último indicador a ser utilizado neste estudo trata-se do Indicador de Comércio Intra-setorial (CIS), desenvolvido por Grubel e LLOYD em 1975. Segundo Feistel, Hidalgo e Casagrande (2014), o CIS tem por objetivo identificar qual é o tipo de comércio entre dois países ou regiões, o qual pode ser intra-setor ou intersetorial.

Hidalgo e Mata (2004) assinalam que o comércio intra-indústria pode ser descrito como uma troca de produtos que são classificados dentro de um mesmo setor, este tipo de comércio passou a se intensificar com o aumento da similaridade tecnológica dos países desenvolvidos, os quais efetuam trocas intrasetoriais de maneira mais intensa. Tal comércio é ilustrado através da diferenciação dos produtos e pelas economias de escala.

Em contra partida, tem-se o comércio intersetorial o qual se dá pela troca de produtos advindos de setores diferentes, mas em um mesmo horizonte temporal definido entre duas economias.

De maneira equivalente, o índice de comércio intra-setor (CIS_i) ao grau de cada produto i é apresentado por:

$$CIS_i = 1 - \frac{(X_i - M_i)}{(X_i + M_i)} \quad (4)$$

Onde X_i representa as exportações do setor i e M_i representa as importações do mesmo setor i para a economia. O índice varia de zero a um, sendo que se o valor for igual a zero, o comércio será do tipo interindustrial, ou seja, um comércio do tipo Heckscher-Ohlin. Caso contrário, se for unitário, o comércio será do tipo intra-industrial.

4. Resultados e Discussão

4.1 Vantagens Comparativas Reveladas da laranja e de seu suco concentrado

O suco de origem brasileira é uma das bebidas mais consumidas em todo mundo, em cada cinco copos bebidos de suco de laranja, três deles são provenientes do Brasil. Contudo, ao mesmo tempo que o Brasil lidera as exportações de suco concentrado, tem-se a inserção de novos produtos, que competem diretamente com suco brasileiro (NEVES et al. 2010).

Neste item, pretende-se descobrir se o segmento de exportações de sucos de laranja, no Brasil, é suficientemente competitivo para ampliar ainda mais sua participação neste mercado.

Tabela 1 - Índices de Vantagem Comparativa Revelada e Vantagem Comparativa Revelada Simétrica, 1997-2013

Produto	Laranja		Suco Concentrado de Laranja	
Período	IVCR	IVCRS	IVCR	IVCRS
1997	1.21	0.10	7.89	0.77
1998	0.76	-0.14	8.65	0.79
1999	1.38	0.16	9.40	0.81
2000	1.04	0.02	8.48	0.79
2001	1.58	0.23	7.62	0.77
2002	0.42	-0.40	6.70	0.74
2003	0.57	-0.28	7.20	0.76
2004	0.73	-0.15	6.49	0.73
2005	0.31	-0.53	5.58	0.70
2006	0.53	-0.31	6.13	0.72
2007	0.51	-0.32	5.78	0.71
2008	0.41	-0.42	5.51	0.69
2009	0.23	-0.63	4.98	0.67
2010	0.27	-0.57	3.85	0.59
2011	0.24	-0.61	2.10	0.36
2012	0.14	-0.75	3.92	0.59
2013	0.16	-0.72	4.16	0.61
Média	0.61	-0.31	6.14	0.69

Fonte: elaborado pelos autores, dados da pesquisa (2016).

A Tabela 1, apresenta o IVCR e IVCRS no decorrer de 1997 a 2013, como é possível verificar o produto laranja demonstrou possuir menos vantagens comparativas com relação ao suco concentrado. As exportações de laranja em ambos índices apresentaram vantagens em apenas quatro anos, nos demais sempre os índices apontaram para desvantagem comparativa, as médias dos índices IVCR e IVCRS para tal produto, ficaram em 0,61 e -0,31, respectivamente.

O Brasil possui destaque mundial por ser o maior produtor de laranja, sendo que 90% deste total são destinados para a produção do suco concentrado, o qual no decorrer dos 17 anos analisados apresentou vantagens em ambos os índices. O valor máximo dos índices se deu no ano de 1999, neste mesmo período o país foi responsável por 37% das exportações mundiais de suco de laranja.

Mas, a partir de 2000, o índice passou a ter sucessivas quedas, não alcançado mais os patamares elevados como final da década de 1990, chegando a ter seu menor desempenho no ano 2011 (2,10 e 0,36). Com é possível verificar em nível internacional o segmento está perdendo importância relativa, onde as exportações brasileiras estão diminuindo consideravelmente, enquanto as exportações mundiais crescem. Essa tendência acaba por afetar diretamente tais indicadores.

Vários são os fatores que afetam diretamente a queda das exportações, no caso do suco de laranja brasileiro, podem ser destacados: a queda no consumo do produto, elevadas barreiras tarifárias e não tarifárias, dentre outros fatores que impulsionam negativamente o setor.

Atribuído como principal fator que colabora para perda de competitividade das exportações brasileiras são as barreiras tarifárias e não tarifárias, pois desde que o Brasil se tornou o maior produtor de laranja, o mesmo passou a ser alvo de rigorosas barreiras às exportações da laranja e do próprio suco. Por exemplo, atualmente o Brasil paga US\$ 415,00 a tonelada do produto, para acessar o mercado nos Estados Unidos (ROSA et al. 2013).

Em compensação, são isentos de tarifas os sucos originários do Caribe, norte da África e México. Enquanto, o suco pronto para beber brasileiro é tarifado em US\$ 42/ton, as importações originárias da América Central, México e Caribe são isentas de tarifas (NEVES et al. 2010).

No caso da Europa, principal mercado do suco brasileiro, as principais exigências dos importadores europeus são em relação à segurança do consumidor, qualidade, autenticidade e rastreabilidade do produto. É exigido que as regras do Codex Alimentarius⁴ sejam respeitadas, uma coletânea de normas aceitas mundialmente que aborda assuntos da produção de alimentos e segurança alimentar (NEVES; JANK, 2006).

Conforme apontam Rosa et al. (2013), tais restrições fazem com que o produto brasileiro perca competitividade frente ao comércio mundial, limitando ainda mais o desenvolvimento do setor acarretando perdas de receita oriunda dessas exportações. Levando em consideração que é um dos principais produtos da pauta de exportações agrícolas brasileiras, isso tudo traz preocupação aos produtores e também as autoridades governamentais.

Entre os desafios para o setor, estão o de produzir um suco livre de resíduos de agrotóxicos, em especial do *carbendazim*, um fungicida sistêmico de rápida absorção que atua na proteção e tratamento de pomares, proibido no mercado norte-americano e largamente utilizado nos pomares brasileiros nos últimos anos. Neste contexto, destaca-se a importância de práticas sustentáveis, cada vez mais valorizadas pelos principais mercados consumidores mundiais, como é o caso da União Europeia.

Além disso, o atendimento à regulamentação fitossanitária dos países importadores é uma condição básica para o comércio internacional. O setor vem sofrendo com o elevado aumento no custo da mão de obra, principalmente na colheita da laranja, o que antes era um dos principais fatores que colaborava para o aumento da competitividade do setor, atualmente vem sofrendo com a concorrência de outras atividades mais remuneratórias (CONAB, 2013).

⁴ O Codex Alimentarius, ou "Código Alimentar", é um conjunto de normas, orientações e códigos de práticas adotados pela Comissão do Codex Alimentarius (FAO, 2016).

Um dos gargalos do setor, está também na estrutura do mercado de sucos brasileiros, onde tem-se uma indústria processadora organizada sob forma oligopsônica. Percebe-se uma alta concentração de indústrias processadoras, como também das importadoras do suco brasileiro. A compra das frutas está concentrada em poucas empresas, isso acaba por pressionar os produtores a entregarem a sua produção a preços menores. Além disso, essas indústrias brasileiras são detentoras de 35% dos pomares do Triângulo Mineiro (SEREIA; CAMARA; GIL, 2004).

O suco brasileiro, é um produto extremamente dependente do mercado externo, com elevada concentração nas exportações para a União Europeia, os brasileiros consomem menos de 7% da sua produção de sucos (MENDES, 2015).

Porter (2004) aponta três obstáculos prejudiciais para conseguir alcançar a competitividade global. Sendo eles, os obstáculos econômicos gerenciais e institucionais. Percebe-se que a indústria de citros brasileira vem sendo prejudicada por estes obstáculos. Obstáculos econômicos são os elevados custos no transporte feito por tambores de 200 litros, esta modalidade possui custos elevados devido à baixa eficiência do transporte, e no Brasil são poucas as indústrias que investiram no transporte a granel, mais eficiente que o convencional (MARINO; SCARE, 1999).

Os Obstáculos Gerenciais são as poucas estratégias de marketing, principalmente voltadas para o público infante/juvenil, e para o consumo doméstico do suco. Os obstáculos Institucionais são caracterizados pelas elevadas barreiras tarifárias e não tarifárias, por parte dos mercados importadores, taxa de câmbio valorizada, uma carga tributária elevada ao longo de toda a cadeia produtiva (27,5 %, em ICMS, PIS e Confins), que acaba elevando consideravelmente os custos de produção.

Isso tudo vem ao encontro do que foi apresentado por Neves et al. (2006), onde o autor lista as seguintes ameaças que causam a perda da competitividade do setor: aumento do custo de pessoal; aumento de barreiras tarifárias; ampliação do índice de pragas e doenças, que colaboram para maior quantidade e na aplicação de defensivos agrícolas; e, por fim, competição desleal, onde o néctar é apresentado como suco para o consumidor.

4.2 Indicador de Contribuição ao Saldo Comercial e Indicador de Comércio Intra-setorial

Com o intuito de complementar a análise das vantagens comparativas reveladas, e também de incorporar as importações na análise de competitividade, na Tabela 2, são

apresentados os índices de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC) e Indicador de Comércio intra-setoriorial. A comparação destes se torna relevante, pois compõe um processo de filtragem para conhecer melhor os produtos com vantagem comparativa revelada. Dessa forma, se possuir vantagem comparativa o valor do ICSC será maior que zero.

Tabela 2 – Indicador de Contribuição ao Saldo Comercial e Indicador de Comércio intra-setoriorial

Período	ICSC Laranja	CIS Laranja	ICSC Suco Concentrado de Laranja	CIS Suco de Laranja
1997	0.0106	0.0441	0.4683	3.5891E-05
1998	0.0064	0.1773	0.6129	1.58436E-06
1999	0.0108	0.0433	0.6422	0.000127921
2000	0.0067	0.0565	0.4621	0
2001	0.0117	0.0228	0.3489	0
2002	0.0031	0.0943	0.3566	2.30068E-06
2003	0.0043	0.0391	0.3011	0
2004	0.0053	0.0214	0.1974	2.02611E-05
2005	0.0016	0.1445	0.1606	2.76332E-05
2006	0.0027	0.0831	0.1831	0.000109279
2007	0.0027	0.1146	0.2367	9.07553E-06
2008	0.0023	0.0856	0.1443	0
2009	0.0015	0.2619	0.1149	0
2010	0.0013	0.4852	0.0848	0.000230458
2011	0.0005	0.7554	0.0865	0
2012	-0.0001	1.0499	0.1935	0.000245876
2013	-0.0002	1.0985	0.1920	2.14956E-06

Fonte: elaborado pelos autores, dados da pesquisa (2016).

Como é possível verificar, o ICSC apresentou resultados semelhantes aos anteriores, apontando que o suco concentrado da laranja é mais competitivo que a exportação da própria fruta. Os valores apresentaram quedas para ambos segmentos, sendo que os indicadores para os anos de 2012 e 2013 foram negativos para o produto laranja.

Por fim, buscou-se identificar se as trocas brasileiras dos produtos laranja e seu suco concentrado eram do tipo intra-industrial ou intersetoriorial, em índices agregados e também em nível de setor produtivo.

Os índices de comércio intra-setor encontrados se exibem muito baixos para todos os anos do período analisado, e demonstram pouca tendência de aumento, apenas nos dois últimos anos do período. Dessa forma, é possível caracterizar o comércio entre o Brasil e o resto do mundo para com as exportações de laranja e seu suco como sendo intersetoriorial ou do tipo Heckscher-Ohlin, ou seja, o país tende a exportar bens que utilizam mais intensivamente os recursos relativamente mais abundantes.

Afora isto, os resultados da pesquisa ratificam as contribuições de Neves et. al (2010), referente à necessidade de desenvolvimento de um modelo confiável e transparente para precificar a matéria-prima ofertada pelos citricultores deve ser prioridade para o setor, assim

como o desenvolvimento de práticas de manejo, o estímulo ao consumo de laranja e derivados, a busca pela redução das barreiras protecionistas e o apoio governamental são essenciais para o avanço da citricultura brasileira.

5. Conclusões

O presente estudo apresentou uma análise dos níveis de competitividade da indústria citrícola brasileira, como também do setor em nível internacional. Além da mensuração da vantagem comparativa revelada, a análise trouxe, demais índices com o intuito de avaliar a competitividade do setor.

Nesse sentido, o estudo revelou que o Brasil apresenta vantagens comparativas reveladas nas exportações de suco de laranja, porém, o índice vem diminuindo gradativamente no decorrer dos últimos anos, mas em contra partida as exportações de laranja apresentaram tal vantagem por um curto espaço de tempo. Dessa forma, para que o país consiga promover e, até mesmo, voltar expandir-se vários fatores deverão ser revistos.

Os dados analisados demonstraram que o segmento vem tendo uma perda relativa de mercado, pois as exportações nacionais, que chegaram a representar 40% do total mundial em 1998, reduziram-se para aproximadamente 36% em 2011. Em contrapartida tem-se o aumento das exportações mundiais do produto, o que corrobora para perda de competitividade do setor em nível internacional.

Com os resultados obtidos neste estudo, foi possível detectar que a perda da competitividade brasileira de suco de laranja pode ter sido acarretada principalmente por três fatores: a troca do suco de laranja concentrado, pela inserção de novos produtos como os néctares e outras bebidas não alcoólicas principalmente por parte dos Estados Unidos e Europa; o aumento de barreiras tarifárias e não tarifárias ao produto de origem brasileira; e, o aumento do índice de pragas e doenças, que contribuem para maior quantidade no uso e aplicação de defensivos agrícolas.

O baixo consumo interno também foi percebido neste estudo, pois cerca de 97% da produção de suco de laranja é exportada. Esse fato apesar de trazer geração de divisas e reconhecimento internacional, torna o segmento bastante vulnerável, pois tem dependência total do mercado externo e com grande concentração principalmente na União Europeia.

As barreiras tarifárias e não tarifárias, são vilãs do setor deste o momento que o Brasil passou a liderar as exportações mundiais de suco de laranja. Essas medidas acabam se refletindo principalmente no preço final do produto, fazendo com que o suco brasileiro perca

competitividade frente aos demais. A diminuição dessas elevadas tarifas, iria favorecer toda a cadeia produtiva, pois haveria a diminuição do custo final do produto para o consumidor.

Outro fator de relevância quando se pensa em competitividade é de que os mercados estão cada dia mais exigentes. Assim, a concorrência internacional está mais acirrada. E, nesse contexto, não basta apenas ter um produto com alta produtividade, mas sim de boa qualidade. Portanto, no que tange a doenças e pragas que atingem os pomares brasileiros, se faz necessário à intensificação de pesquisas que busquem o combate das mesmas.

Portanto, no contexto atual, existe clara tendência de perda de vantagem comparativa, e a pesar do Brasil ainda apresentar vantagens nas exportações de suco concentrado, ele corre seriamente o risco de perder tal posto. Para que isso não ocorra, faz-se necessário a implantação de políticas públicas que deem suporte a ações específicas para o setor, com o objetivo de inverter esta tendência. As políticas públicas devem voltar-se ao objetivo principal de promover ações que são valorizadas pelos principais mercados consumidores mundiais, entre eles a União Europeia e os Estados Unidos. Estas ações consistem em incentivar práticas sustentáveis, redução de custos, melhorias e adequações no processo produtivo e uma ação forte no campo da política comercial, a fim de reduzir as barreiras comerciais para o produto brasileiro.

Referências

AIJN, European Fruit Juice Association. **2014 liquid fruit market report**. 2015. Disponível em: <http://www.citrusbr.com/imgs/biblioteca/AIJN_2014_Liquid_Fruit_Market_Report.pdf> Acesso em: 10 nov. 2016

ALICEWEB - **Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior**. Secretaria de Comércio Exterior. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). 2014. Disponível em: Acesso em: 10 out. 2016.

AMARO, A. A. Mudanças na citricultura paulista. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 27, n. 9, p. 45 - 50, set. 1997.

BONJOUR, S. et al. Uma análise de competitividade do complexo da laranja brasileira no período de: 1996 a 2005. In: 1º Congresso de Desenvolvimento In: 1º Congresso de Desenvolvimento Regional de Cabo Verde. 2009, Cabo Verde. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.apdr.pt/congresso/2009/2031/6A.pdf/>.> Acesso em: 20 nov. 2016.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Intercâmbio comercial do agronegócio: principais mercados de destino** / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. //Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio. – Brasília: MAPA/ACS, 2013.

CITRUS BR. Associação Nacional dos Exportadores de sucos Cítricos. A visão do citricultor sobre seu agronegócio. Associtrus. 2014. Disponível em: <<http://www.citrusbr.com>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

CITRUS BR. Associação Nacional dos Exportadores de sucos Cítricos. **Revista Citrus BR**, São Paulo, ano 1, nº 4, fev. 2015.

CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. Acompanhamento da Safra brasileira. **Laranja safra 2013/2014, primeira estimativa: São Paulo e Triângulo Mineiro**. São Paulo, 2013.

CORONEL, D. A. et al.; **Competitividade das exportações Nordestinas de frutas para a União Européia (1999-2013)**. In: 52º SOBER- Sociedade Brasileira De Economia, Administração e Sociedade Rural –2014, Goiânia. Anais do evento. Disponível em: <<http://icongresso.itarget.com.br>> Acesso em: 10 dez. 2016.

CORONEL, D. A. **Fontes de crescimento e orientação regional das exportações do complexo soja brasileiro**. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

COUTINHO, L. G; FERRAZ, J. C. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. MCT, 1993.

EMPRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - **Plano Estratégico para os Citros 2012- 2017**- Disponível em < <http://www.agricultura.gov.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

ESSER, K.; HILLEBRAND, W.; MESSNER, D.; & MEYER-STAMER, J. **Systemic competitiveness: new governance patterns for industrial development**. Routledge, 2013.

FARINA, E. M. M. Q.; SAES, M. M.; AZEVEDO, P. F. **Competitividade: mercado, estado e organizações**. São Paulo: Editora Singular, 1997.

FARINA, E.M.M.Q. **Competitividade e coordenação de sistemas agroindustriais: Um ensaio Conceitual**. São Paulo, v. 6, n. 3, p. 147- 161, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gp/v6n3/a02v6n3.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations, Disponível em: FAOSTAT, Food. agriculture organization of the United Nations. **Statistical database**, 2015. Acesso em: 10 nov. 2016.

FEISTEL, P. R. HIDALGO, A. B. CASAGRANDE, D. L. **O intercâmbio comercial nordeste do Brasil-Venezuela: desempenho e perspectivas**. Rev. Econ. NE, Fortaleza, v. 45, n. 3, p. 82-97, jul-set., 2014.

FUNDECITRUS. Fundo da defesa da Citricultura. Doenças e pragas. **Doenças. Greening**. Disponível em: <http://www.fundecitrus.com.br/doencas/greening/>. Acesso em: 10 nov. 2016.

HAGUANAUER, L. **Competitividade: conceitos e medidas**. Texto para discussão. Instituto de Economia Industrial da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IEI/UFRJ), 1989.

HIDALGO, A. B. e MATA, D. F. P. G. da. **Competitividade e Vantagens Comparativas do Nordeste Brasileiro e do Estado de Pernambuco no Comércio Internacional**. In: IX Encontro Regional de Economia - ANPEC BNB e Fórum BNB de desenvolvimento, 2004, Fortaleza. IX Encontro Regional de Economia. Fortaleza: BNB, 2004.

IBGE, SIDRA. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Banco de Dados. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

KUPFER, D. **Padrões de concorrência e competitividade**. Encontro Nacional da ANPEC, v. 20, p. 1, 1992.

LOVE, P.; LATTIMORE, R. **International trade: Free, fair and open**. OECD, 2009. 197 p. Disponível em: Acesso em: 16 jan. 2017.

MARINO, M. K; SCARE, R.F. **Logística de distribuição de suco de laranja concentrado congelado como fator de Vantagem Competitiva**. IV SEMEAD. Seminários em Administração - FEA/USP. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/Semead/4semead/artigos/>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

MARKESTRAT. Centro de Pesquisas em Marketing e Estratégia. Conteúdo. **Publicações**. Disponível em: <<http://www.markestrat.org/publicacoes>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

MATTOS, S. M. M. **Estratégias competitivas**. Revista Capital Científico. Guarapuava, PR, v. 1, n.1 p. 9 – 25, 2003.

MDIC. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Sistema AliceWeb2**, 2015. Disponível em <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>>. Acesso em 6 dez. 2016.

MENDES, M. O brasileiro é sim um grande consumidor de suco de laranja. **Revista Citrus BR**, São Paulo, ano 1, nº 4, p. 139, fev. 2015.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA. **MAPA**. Exportação. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

NEVES, M. F. et al. Ações para Aumentar a Competitividade da Cadeia da Laranja no Brasil. **Laranja**, Cordeirópolis, v.27, n. 2, p. 213 - 229, 2006.

NEVES, M.F; TROMBIN, V.G. **Análise de uma Década na Cadeia da Laranja**. Position Paper. Markestrat Value Generation. São Paulo, 2011.

NEVES, M. F. JANK, M. S (Coord.). **Perspectivas da Cadeia Produtiva da Laranja no Brasil: A Agenda 2015**. Pensa: Programa de Agronegócios da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.fundace.org.br/>> Acesso em: 10 dez. 2016.

NEVES, M. F. et al. **O retrato da citricultura brasileira**. Ribeirão Preto: CitrusBR. 2010.

PIATTO, M. S; **Banco de dados do Programa CEPAN, módulo tese/dissertações. 2014. 116 f.** Dissertação (Mestrado em Agronegócio) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

PORTER, M. E. **Estratégia competitiva**: técnicas para análise de indústrias e da concorrência. Campus, 2004.

PORTER, M. E. The competitive advantage of nations. **Harvard business review**, 1990.

PORTER, M. E. Competição. Ed. e revista ampliada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009

ROSA, L.C et al. Barreiras dos estados unidos as exportações do suco de laranja brasileiro. Rio Grande do Sul. **Revista estudos do CEPE**, Santa Cruz do Sul, n.37, p.27-57, jan./jun. 2013.

SANTANA, A. C. de; Análise da competitividade sistêmica da indústria de madeira no Estado do Pará. **Revista de Economia e Agronegócio**, v (1) n.2. 2002.

SEREIA, V.J; CAMARA, M.R.G da; GIL, M.O. Competitividade das Exportações Brasileiras de Suco de Laranja no Período de 1990 a 2001. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 24, p. 57-74, set. 2004

SOUZA, G.M. R. et. Al. **As vantagens competitivas nas exportações de Mamão: Um estudo comparativo entre os estados do Espírito Santo, Paraíba e Rio Grande do Norte**. In: 52º SOBER - Sociedade Brasileira De Economia, Administração e Sociedade Rural – 2014, Goiânia. Anais do evento. Disponível em: < <http://icongresso.itarget.com.br/>> Acesso em: 10 dez. 2016.

THOME, M.K.; FERREIRA, S. L.; **Competitividade e estrutura de mercado internacional de café: Análise de 2003 a 2012**. In: 52º SOBER- Sociedade Brasileira De Economia, Administração e Sociedade Rural –2014, Goiânia. Anais do evento. Disponível em. Acesso em: 10 dez. 2016.